



Volume 9 - Número 20  
TEMÁTICAS LIVRES  
doi: [10.25247/paralellus.2018.v9n20.p067-083](https://doi.org/10.25247/paralellus.2018.v9n20.p067-083)

## A ESTRATÉGIA NARRATIVA DE MARCOS NA APRESENTAÇÃO DE JESUS

THE MARK'S NARRATIVE STRATEGY IN THE PRESENTATION OF JESUS

Rita Maria Gomes\*

### RESUMO

Este artigo analisa o Evangelho segundo Marcos tendo em vista a apresentação de Jesus messias tanto em seu caráter portentoso, portanto taumatúrgico, quanto em seu caráter inaudito, o messias padecente. Estes são os principais aspectos da personagem Jesus na narrativa de Marcos. Com isso, busca-se compreender, e melhor explicitar, a mensagem do Evangelho segundo Marcos sobre Jesus Cristo. A análise dos dados é feita diretamente do texto bíblico, mas recorrendo, em alguns momentos, a estudos específicos relacionados com a temática trabalhada. Expõe-se como resultado a explicitação do percurso feito pelo autor sagrado na apresentação de sua personagem principal. Marcos utiliza o recurso narrativo da intertextualidade na apresentação de Jesus messias, evocando grandes personagens e importantes eventos da história sagrada. Este artigo, realça essas personagens e/ou eventos por trás da narrativa marcana, para uma melhor apreciação de seu anúncio do salvador.

**Palavras-chave:** Novo Testamento; Evangelho de Marcos; Intertextualidade; Jesus; Elias-Eliseu.

### ABSTRACT

This article analyzes the Gospel according to Mark in view of the presentation of Jesus Messiah both in his portentous aspect, therefore thaumaturgical, and in his unheard-of aspect, the suffering messiah. These are the main aspects of the Jesus character in Mark's narrative.

---

\* Doutora em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE (2017), com estágio na *Université Catholique de Louvain* (Bélgica). Tem experiência na área de Teologia, com ênfase no Evangelho de Marcos. Atua principalmente nos seguintes temas: Messianismo, Sagrada Escritura e Cristologia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3089881482846601>. E-mail: [ritagomes@unicap.br](mailto:ritagomes@unicap.br).



With this in mind, we try to understand, and better explain, the message of the Gospel according to Mark about Jesus Christ. The analysis of the data is made directly from the biblical text, but resorting, at times, to specific studies related to the thematic worked. The result is an explanation of the path taken by the sacred author in the presentation of his main character. Mark uses the narrative feature of intertextuality in presenting of Jesus Messiah, evoking great characters and important events of sacred history. This article highlights these characters and/or events behind the Marcan narrative, for a better appreciation of your savior announcement.

**Keywords:** New Testament; Mark's Gospel; Intertextuality; Jesus; Elijah-Elisha.

## 1 INTRODUÇÃO

O Evangelho segundo Marcos é um texto instigante em razão de diversos jogos narrativos sem perder o foco do texto: o delineamento da identidade de Jesus. Ao leitor de Marcos resta a tarefa de perceber os indícios postos pelo autor ao longo da narrativa em vista do conhecimento de Jesus. Porém, perguntar pela identidade de Jesus é já interrogar “o quê” o autor diz a respeito dele, conduzindo o leitor naturalmente aos títulos aplicados a Jesus, sem a devida consideração do *como* o autor diz quem é Jesus. Desejamos ver *como* Marcos conduz o leitor na descoberta de quem é Jesus pela via positiva ao mostrar quem é e, pela via negativa, quando diz quem Ele não é. Nesse sentido, analisa-se textos que aparecem como tentativas de resposta à questão orientadora da primeira parte do evangelho: “quem é este?” Em seguida, reflete-se a releitura feita pelo evangelista de algumas figuras veterotestamentárias para o delineamento de Jesus como messias inaudito e, por fim, o diferencial do messianismo de Jesus segundo a óptica marcana.

## 2 QUESTÕES PARA A IDENTIDADE EM MARCOS: ENSAIO E ERRO

O primeiro ato de Jesus é um exorcismo (Mc 1,21-28). No relato encontra-se a primeira pergunta relacionada à pessoa de Jesus, embora não seja ainda uma questão direta. O texto indica um sábado, na sinagoga de Cafarnaum, e que ali Jesus ensinava. Os espíritos impuros sabem quem Jesus é e o designam “santo de Deus”. No entanto, o mais significativo vem depois: a reação da audiência à expulsão do espírito impuro. “*Todos ficaram admirados e perguntavam uns aos outros: que é isto? Um ensinamento novo e com autoridade?*” (Mc 1,27). A pergunta ainda não é sobre o



agente, mas sobre o que eles veem diante de si e o que veem é um ensinamento novo e a autoridade presente nesse ensinamento. Ali o “ato de poder” (*dynamis*) é expressão da autoridade no ensino daquele mestre.

Em Mc 4,41, aparece a questão direta e fundamental: “Quem é este?”. A pergunta está no final do relato da “tempestade acalmada”. Esse relato desencadeia a pergunta pela pessoa de Jesus. Exercer autoridade diante de elementos naturais era uma prerrogativa divina, e, com raríssimas exceções, algumas personagens da história de Israel, em nome de Deus, exerceram esse tipo de autoridade. Ao encerrar o relato com a questão: “Quem é este, a quem obedecem até o vento e o mar?”, o narrador deixa a questão cair no coração do ouvinte/leitor para que, em decorrência dos elementos apresentados, o público possa chegar à compreensão de quem é Jesus e, assim possa responder com uma confissão de fé, como fará Pedro.

Em Mc 6,1-6, Jesus está novamente numa sinagoga, num sábado, e ensina em Nazaré. Aqui as perguntas se multiplicam: “De onde lhe vem isso?”, “Que sabedoria é essa que lhe foi dada?”, “E esses atos de poder realizados por suas mãos?”, “Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E suas irmãs não estão todas aqui conosco?” Essas questões mostram como Jesus era um enigma até para aqueles que supunham conhecê-lo. O texto mostra a admiração de todos diante do “ensinamento com autoridade” (*exousía*) e dos atos de poder que expressavam essa *exousía* numa pessoa que antes julgavam conhecer. Há algo mais que o já conhecido sobre esse homem e que os de sua terra não conseguiram acolher, já que o narrador fala da incredulidade deles que não permitiu a Jesus fazer ali nenhum milagre.

A partir da admiração dos que presenciaram a cena e também da incredulidade, Marcos apresenta, em 6,14-15, a opinião de uma autoridade política. O texto diz que Herodes ouviu falar de Jesus porque tinha se tornado muito conhecido. Informa ainda a opinião corrente que diz ser Jesus João Batista ressuscitado dos mortos; e que outros diziam ser Elias e outros ainda diziam ser ele “um profeta como um dos antigos profetas”. Herodes, depois de ouvir todas as opiniões, concorda com a primeira.

De novo as informações são dadas por personagens que tentam entender e identificar a pessoa de Jesus a partir de suas palavras e ações. Porém, Herodes não é uma figura simpática ao ouvinte/leitor, por ser o responsável pelo assassinato de João Batista (Mc 6,16). Isso deve deixar o leitor desconfiado da dedução de Herodes, movida mais pelo medo que por um reconhecimento do profeta. A última pergunta sobre a identidade de Jesus é feita por ele mesmo e é dirigida aos discípulos: “Quem os homens dizem que eu sou?”, e ainda: “E vós, quem dizeis que eu sou?” A resposta à primeira questão é uma retomada literal das opiniões expostas no episódio de Herodes; e à segunda, é a confissão de fé dos discípulos através da personagem Pedro. Diante disso pergunta-se: como foi possível passar da inteira confusão à confissão? As ações e palavras de Jesus o aproximaram das grandes figuras da tradição profética popular e foi isso que possibilitou a confissão dos discípulos na figura de Pedro. Mas, para o evangelista, essa confissão é suficiente? Vejamos o que a narrativa marcana nos diz das figuras aludidas nos “boatos” a respeito de Jesus.

### **3 MOISÉS, JOÃO, ELIAS OU UM DOS ANTIGOS PROFETAS?**

A relação instaurada pelo narrador entre Moisés e Jesus é diferente da existente entre Jesus e Elias. A observação das referências a Moisés na narrativa demonstra isso. O nome de Moisés é citado oito vezes. Dessas oito, apenas duas referem-se a Moisés como personagem e as outras seis relacionam o nome de Moisés com a Lei.

A primeira citação encontra-se no relato da cura do leproso, no qual Jesus envia o curado ao sacerdote e o manda apresentar a oferenda prescrita por Moisés. A segunda está localizada nas controvérsias sobre o puro e o impuro. Nessa passagem, Jesus usa o mandamento de Moisés para denunciar a falsa fidelidade à Lei praticada pelos fariseus. A terceira referência se encontra no relato da transfiguração e, aqui, ele aparece como personagem e dialoga com Jesus. Moisés é um “com Jesus”. Em 10,3-4, o nome de Moisés é citado novamente numa controvérsia na qual Jesus relê o preceito mosaico, sem colocar-se contra a autoridade de Moisés. A última referência está em outra controvérsia, agora sobre a ressurreição dos mortos.

Resumindo: Moisés só aparece como personagem uma vez, no relato da transfiguração, e em nenhuma das menções a Moisés se pode encontrar uma



identificação de Moisés com Jesus, nem mesmo uma alusão. Existe, antes, um acordo com a autoridade de Moisés, embora não como submissão e sim numa leitura livre por parte de Jesus. Em Marcos, Moisés não tem papel ativo na configuração da personagem Jesus, sendo uma personagem secundária nesse sentido. É o nome que encarna a lei a ser lida à luz da justiça divina. Prova disso é que Moisés jamais é citado em textos nos quais as personagens, em diálogo com Jesus, sejam gentios.

Quanto à ideia de que Marcos deseja apresentar Jesus como um “novo Elias”, a desconstrução vem da própria narrativa que indica a relação direta de Elias com João Batista desde o primeiro momento. Nosso autor apresenta suas primeiras personagens, lembrando que João Batista tem como papel fundamental apontar a personagem principal da história a ser narrada, Jesus. João Batista é anunciado pela Escritura: “Como escrito em Isaías, o profeta”. Quanto ao conteúdo, chamamos a atenção para alguns termos: voz, deserto e “preparai o caminho”. A preparação vem logo em seguida. Os outros termos têm correspondência na apresentação do “mais forte”.

A profecia de Malaquias diz que o Senhor enviará Elias e, sem outra preparação, o versículo seguinte (v. 4) começa dizendo: “Chegou (*egéneto*) João batizando no deserto e pregando um batismo de conversão...”. Está claro o papel de João como Elias que vem preparar o caminho do Senhor. O v. 5 é um desenvolvimento da ação de João. Mas, isso não parece ser suficiente, e Marcos acrescenta informações sobre as vestes de João Batista e sobre sua alimentação, ligando-o mais ainda com Elias. Segundo a profecia citada no início, o chamado à conversão e o batismo para o arrependimento dos pecados são o cumprimento da missão do enviado, e isso devia ser suficiente para a apresentação de João-Elias.

Elias reaparece, agora nominalmente, em 6,15, quando se fala dos rumores de quem seria Jesus em razão das reações ao que ele diz e faz. Esse texto visa ressaltar a incompreensão geral quanto à pessoa de Jesus. Confirma isso a conclusão errônea de Herodes ao fazer uma identificação entre o “mais forte que devia vir” (Mc 1,7) e “seu precursor”. Elias, que já fora identificado com João no início, não pode ser identificado com Jesus, a não ser como uma falsa resposta à questão de sua identidade. A lógica mesma do texto ressalta a incompreensão da autoridade política



a respeito da identidade de Jesus. Em seguida, Elias reaparece em 8,27-30, quando Jesus pergunta: “Quem os homens dizem que eu sou?” A resposta é a mesma que apareceu antes com Herodes. A dinâmica é a mesma: uma tentativa de resposta que não é corroborada pelo narrador; pois Jesus dirige a pergunta aos seus discípulos esperando que entre os mais chegados a ele a resposta seja mais adequada.

Depois, Elias reaparece no relato da transfiguração, e da mesma forma que. Moisés, é alguém com quem Jesus dialoga. Isso descarta, do ponto de vista da intriga, um uso de Elias identificado com Jesus. Nesse relato e, para toda a narrativa, Elias é uma personagem “com Jesus”; nunca Jesus é um “como” Elias. Marcos faz seguir ao relato da transfiguração a disputada questão da vinda de Elias; e, aqui, reafirma a informação dada no prólogo: “Elias já veio” (Mc 9,13), na figura de João Batista. Elias é mencionado uma última vez na cena da cruz. A incompreensão aparece novamente. A narrativa apresenta a ideia de uma identificação de Jesus com Elias como um falso caminho, seguido, sobretudo, pelas autoridades civis e religiosas. Assim, pelos indícios narrativos, sabemos que Marcos não reconhece em Jesus o “*Elias redivivus*”. Ao identificar João Batista com Elias que devia vir, Marcos descarta também um “João que ressuscitou”, ocorrendo o mesmo com a possibilidade de um “profeta como Moisés”.

Resta agora verificar a última tentativa de resposta presente no texto: “um profeta como um dos antigos profetas”. Essa última possibilidade de resposta parece muito vaga. Os antigos profetas eram enviados de Deus que agiam e falavam com autoridade, sendo os atos portentosos por eles realizados um tipo de demonstração dessa autoridade vinda de Deus. Nesse ponto, encontra-se a pedra de toque da configuração provisória de Jesus como um profeta taumaturgo, ao modo de Eliseu. Também os atos de poder realizados por Jesus encontram sua função narrativa, ou seja, servem de caminho para a confissão na messianidade profética de Jesus.

Como Eliseu, Jesus ressuscita uma criança morta que não é o filho de uma viúva (Mc 4,21-23.35-43), diferindo assim do que fizera Elias e retomado por Lucas no episódio da viúva de Naim (Lc 7,11-17). Como Eliseu, Jesus multiplica pães (Mc 6,30-42; 8,1-9) e cura um leproso (Mc 1,40-45). Eliseu “amaldiçoa” os garotos (2 Rs 2,23-25), Jesus, a figueira (Mc 11,11-14). Menos claro, mas igualmente defensável, são as



seguintes aproximações: como Eliseu, Jesus cura alguém de cegueira duas vezes (2 Rs 6,15-20; Mc 8,22-26;10,46-52). Da mesma forma que Eliseu era seguido pelos “filhos de profeta” (cf. 2 Rs 2,1-18), Jesus é seguido por seus discípulos (cf. Mc 2,23; 3,7;13-19 etc.). Como Eliseu tinha na casa do casal de Sunã um abrigo certo para si (cf. 2 Rs 4,8-10), Jesus tinha em Cafarnaum uma casa que podia ser chamada de sua, uma vez que é recorrente a informação de que Jesus estava em casa (cf. Mc 2,1; 3,20; 7,17 etc.). Enfim, Jesus é um profeta poderoso como um dos antigos profetas.

Esses últimos textos a respeito de Eliseu e Jesus não se ligam estreitamente, porém, no conjunto da narrativa ganham força e permitem ver, em Jesus, o espírito profético que o impulsiona do mesmo modo que ocorreu com Eliseu após receber o espírito profético de Elias. Guy Bonneau (2001, p. 96) sustenta uma clara relação de inspiração da personagem Jesus em Eliseu em três ações de Jesus: a purificação de um leproso, em Mc 1,40-45, está relacionada a 2 Rs 5; a ressurreição da filha de Jairo, em Mc 5,35-43, alude à ressurreição do filho da sunamita em 2 Rs 4,18-37; e a multiplicação dos pães, em Mc 6,30-44 e 8,1-10, com o texto de 2 Rs 4,42-44. Contudo, questiona outros autores que tentam encontrar um paralelo maior entre as duas narrativas.

Certo que um paralelo estreito entre as duas obras não se sustenta. No entanto, defendemos que as relações vão além dos relatos de milagres propriamente ditos, pois o modo marcano de narrar transmite sua mensagem mais nas entrelinhas, no não dito do que no dito. É indiscutível que esses três relatos se alinham mais facilmente, mas há mais. Tanto na narrativa Elias-Eliseu como em Marcos, os milagres ou atos de poder se fundamentam na condição de profeta do agente. No drama de Eliseu, os portentos que ele realiza têm como função autenticar sua condição de profeta, herdeiro do espírito de Elias. Em Marcos, com algumas ressalvas, percebe-se a mesma dinâmica no primeiro “ato de poder” realizado por Jesus. A expulsão dos demônios é vista como uma exemplificação da autoridade daquele mestre: “*Que é isto? Um ensinamento com autoridade?*”. O fato de expulsar os demônios mostra a autoridade do novo ensinamento.

No Evangelho segundo Marcos parece haver sempre um “mas”. O autor se inspira na grande figura de Eliseu, o portador da porção dupla do espírito de Elias, entenda-se:



do espírito profético, para levar as personagens de sua narrativa bem como seus leitores à confissão messiânica de Jesus. Mas, isso não é tudo porque depois dessa confissão é preciso aprender o messianismo que Jesus encarna e aí, a figura de Eliseu não é suficiente. Ele recorre a outras figuras veterotestamentárias presentes nos livros proféticos.

#### 4 O SERVO DE YHWH-FILHO DO HOMEM ISAIANO-DANIÉLICO

O recurso a intertextualidade faz com que Marcos busque outra figura veterotestamentária importante além do profeta Eliseu: o “servo de YHWH” isaiano. Como é comum a Marcos, o “servo padecente” jamais é citado diretamente, no entanto, é apresentado como fundamental para a compreensão do messias Jesus. Percebe-se isso na íntima relação existente entre o “servo padecente” isaiano e o “Filho do Homem” daniélico. A quantidade de ocorrências de *o yiós tou antrōpou* parece confirmar isso. As ocorrências de “Filho do Homem” são da seguinte ordem: duas na seção do mar<sup>1</sup> (2,10.28), cinco na seção de Jerusalém (13,26; 14,21 (2x); 14,41.62) e sete na seção do caminho (8,31.38; 9,9.12.31; 10,33.45). A seção central do Evangelho conta com um número muito maior de ocorrências, porque os ditos sobre o Filho do Homem são concentrados nas predições da paixão.

Na seção do mar, as duas ocorrências são encontradas em textos de controvérsias de Jesus com a comunidade judaica. A primeira em referência à questão do perdão dos pecados e a segunda em relação ao sábado. Na realidade, os dois textos têm o mesmo sentido: reafirmar a autoridade do Filho do Homem a respeito das coisas divinas. Na seção central, o título “Filho do Homem” aparece quatro vezes na primeira unidade de predição (MALBON, 2009, p. 37), uma vez na segunda e duas vezes na terceira. Como na primeira unidade consta o maior número de ocorrências e apresenta-se melhor estruturada, serve como ponto de aproximação do uso marcano desse título.

---

<sup>1</sup> Dividimos os Evangelho segundo Marcos a partir das indicações espaço temporais em seção do Mar da Galileia (Mc 1,16—8,21); seção do Caminho (Mc 8,22—10,52) e seção de Jerusalém (Mc 11,1—16,8).





No interior da primeira unidade de predição da paixão, os versículos capitais para a releitura do Filho do Homem são 9,11-13. Esse texto é um desenvolvimento do “tudo que tinham visto” sobre a montanha. Pedro, Tiago e João fizeram uma experiência transcendente com o mestre. Ouviram da voz de Deus que Jesus é “seu Filho amado” e o pedido para escutá-lo. Em seguida, “ao descenderem da montanha”, Jesus exige silêncio até que o Filho do Homem ressuscitasse dos mortos. Está claro que os versículos seguintes tratam desse tempo que se coloca “até que possam anunciar tudo o que viram”.

É dentro da questão do prazo que se deve considerar a discussão sobre a vinda de Elias. Na visão dos escribas, o Messias deve ser precedido por Elias. Nas palavras de Jesus, Elias deve “restaurar todas as coisas”. Os escribas não conseguem perceber nenhum sinal dessa restauração e, portanto, não conseguem ver em Jesus o Messias, confessado pouco antes por Pedro. Na visão dos escribas, nada do tempo messiânico é perceptível, logo, Elias ainda não veio. Jesus inverte a lógica dos escribas com a questão: “Como então está escrito a respeito do Filho do Homem que sofrerá muitas coisas e será desprezado?” Ao inserir o tema do sofrimento como algo escrito, entenda-se na Escritura, a respeito do Filho do Homem, enviado de Deus, quebra a visão de restauração dos escribas e pode afirmar a vinda de Elias em João Batista. Pode ainda assegurar a condição de Messias, não ao modo dos escribas e fariseus, zelotas ou saduceus, mas de um modo bem diferente. Seu messianismo é inaudito!

Mas, pode-se perguntar, onde está escrito isso e como está escrito? Em Isaías, nos chamados cantos do Servo (42:1-4; 49:1-6; 50:4-9; 52:13-53:12), encontramos uma figura justa que é maltratada, vítima de zombaria e escárnio, e que, por fim, é justificado. Durante muito tempo se acreditou que a releitura do Filho do Homem como o Servo de YHWH era uma criação cristã, possivelmente marcana (BEUTLER, 2016, 78-79). No entanto, o estudo de Israel Knohl sobre um messias qumrânico põe essa opinião em dúvida. Ele parte de textos encontrados em Qumrã, particularmente, dos hinos do chamado *Rolo de ação de graças* (KNOHL, 2004, p. 33). Na análise dos hinos, escritos em primeira pessoa, descobre a junção de características do Filho do Homem daniélico e do Servo “padecente” de Isaías. Ele percebe que o autor dos hinos



oferece uma imagem de si mesmo dicotômica, porque “se considera possuidor de atributos divinos, mas, ao mesmo tempo, se vê como o ‘Servo padecente’ de Is 53” (KNOHL, 2004, p. 36).

Segundo Knohl (2004, p. 40; 99-110), a combinação entre *status* divino e o sofrimento no primeiro hino é desconhecida na literatura judaica e isso é o que justifica sua ideia de que não teria como ter sido inventada, mas deve encontrar uma correspondência histórica. Ele também pensa que foram os seguidores da seita de Qumrã que desenvolveram um messianismo que contava com um aparente fracasso, já que o messias qumrânico conta com sofrimento, morte e ressurreição. Interessa-nos sua análise dos hinos que fazem, pela primeira vez, a junção de duas figuras bíblicas aparentemente contraditórias: um ser divino (Filho do Homem) aproximado de uma figura humana e sofredora (Servo de YHWH). A partir disso podemos inferir que o narrador estava familiarizado com a releitura messiânica da figura do Filho do Homem pela figura do “Servo padecente” isaiano e pode desenvolver a formação dos discípulos, como personagens, e do ouvinte/leitor através das predições da paixão, morte e ressurreição. Desse modo, podemos também compreender a pergunta que faz Jesus aos discípulos: “Como então está escrito a respeito do Filho do Homem que sofrerá muitas coisas e será desprezado?”

Essa pergunta feita por Jesus a seus seguidores imediatos expressa a posição de Marcos se dirigindo ao seu público, possivelmente formado por conhecedores do messias qumrânico, para levá-los a uma maior compreensão do destino de Jesus. Então o messianismo de Jesus não é inaudito? A essa questão responde-se paradoxalmente: sim e não. Não, porque a experiência da comunidade de Qumrã já unificou dois dos principais elementos da messianidade de Jesus tal como apresentada por Marcos. Sim, porque a experiência qumrânica não fala da cruz. O inaudito do messianismo de Jesus é a cruz redentora. Por isso, consideramos agora esse tema dado pelo evangelista como um passo a mais na sua configuração de Jesus messias.

## **5 A CRUZ E A RESSURREIÇÃO NA CONFIGURAÇÃO DO MESSIAS INAUDITO**

### ***5.1 Os anúncios da paixão: sofrimento e morte na seção do caminho***

Está claro que não só do portentoso é revestida a figura messiânica profética na visão de Marcos. Novamente consideramos a confissão de Pedro vista em unidade com o primeiro anúncio da paixão. O portentoso fica para trás a partir da confissão. Tudo muda, não apenas o cenário e o tipo de ensinamento, o tom mesmo da narrativa muda. Do colorido passa-se ao peso e ao sofrimento. O ensino toma ares de dureza e exigência maiores que o visto até então.

A seção do caminho é o centro do ensinamento de Jesus sobre si mesmo e sobre aqueles que o seguem. O ensino de Jesus concerne, portanto, a si mesmo e ao reinado de Deus que ele torna presente, bem como ao discipulado, porque ao final eles estão inseparavelmente unidos. Enfim, o ensinamento de Jesus sobre si mesmo nessa seção se dá, sobretudo, nos anúncios da paixão. Malbon reconhece um papel estruturador nos anúncios da paixão, mas igualmente a necessidade de considerá-los dentro de um contexto. Por isso, a autora fala de “unidade de predição da paixão” e não simplesmente de “anúncio da paixão” (MALBON, 2009, p.37). A intuição de Malbon se revela importante porque a confissão de fé de Pedro, o primeiro anúncio, a incompreensão e a instrução sobre o seguimento, são inseparáveis como unidade de sentido.

Por isso tomamos o texto como uma unidade de predição da paixão para nos aproximarmos da figura de Jesus apresentada nesses relatos. Em outras palavras, *como* a narrativa nos mostra algo mais de Jesus. Como não existe quebra entre os vv. 30-31, também não há quebra entre os vv. 29-30. Tudo se passa muito rápido. Pedro acaba de confessar Jesus como o Messias, Jesus exige silêncio sobre o fato e ensina sobre a “necessidade” de padecer do Filho do Homem. O conteúdo do ensino é simples e direto: “E começou a ensiná-los que era necessário o Filho do homem padecer muitas coisas, ser rejeitado pelos anciãos e pelos sumos sacerdotes e escribas e ser morto e após três dias ressuscitar” (Mc 8,31). Simplificando ainda mais: o conteúdo do anúncio é sofrimento, rejeição e morte.

Diante do cenário esboçado pelo ensino de Jesus, Pedro demonstra sua incompreensão, pois acabara de confessá-lo Messias. Embora Jesus não tenha dito nenhuma palavra para corroborar a fala de Pedro, também não a negou. No nível do drama, entre as personagens, o pedido de silêncio leva a crer na adequação da



resposta de Pedro. No nível do relato, o ouvinte/leitor sabe que está correta a resposta. No entanto, nem Pedro, juntamente com os discípulos, nem o ouvinte/leitor tem ainda clareza do sentido dado por Jesus, e também pelo narrador, a esse título. O ensinamento de Jesus e a incompreensão de Pedro, e sua posterior censura por Jesus, revelam a distância entre as ideias inerentes a esse título até aquele momento e a vida e a ação de Jesus que, a partir dali, começam a ressignificar o título.

A predição da paixão tem assim dupla tarefa: questionar as ideias de exaltação e vitória ligadas ao título e a indicação de que o sofrimento, morte e ressurreição são inerentes ao messias Jesus. O Cristo de Deus é o enviado humano [Filho do homem] reconhecido por Deus como Filho.

O conteúdo comum às três predições é padecimento, morte e ressurreição no terceiro dia. No entanto, o modo de apresentar esses padecimentos é diferente e complementares. A primeira predição indica nas mãos de quem o Filho do homem padecerá: anciãos, sumos sacerdotes e escribas. Na segunda, será entregue nas mãos dos homens. Na terceira, mais elaborada, será entregue aos sumos sacerdotes e escribas que o condenarão à morte e o entregarão nas mãos dos gentios. A terceira predição parece retomar e ampliar as outras duas. No nível do relato, podemos resumir isso indicando o cenário que se esboça para o drama da paixão-morte-ressurreição de Jesus. Pensamos nas predições da paixão como os “trailers” que divulgam os filmes que ainda não estão em exibição, criando uma expectativa para o que se passará nesse drama. Um convite a permanecer e acompanhar a trajetória do Filho do Homem até o fim!

Outro ponto importante e que devemos destacar é a questão da incompreensão. Na primeira, Pedro demonstra a incompreensão que certamente atinge os outros discípulos, e junto com eles o ouvinte/leitor. Na segunda, menos elaborada, o texto informa que não entendiam, mas tinham receio de perguntar. Na terceira, a incompreensão não aparece imediatamente ligada, mas é demonstrada na perícopes seguinte. A incompreensão também é revelada, com um relato à parte, na segunda predição.

Tudo isso nos leva à questão central da seção do caminho: o ensinamento aos discípulos em primeiro plano e às multidões, em segundo, tem como centro a pessoa de Jesus e o reinado de Deus, presente nele, por um lado e, por outro, a situação daqueles que pretendem segui-lo. Ora, em toda a seção do caminho só se cita a cruz uma vez. No entanto, ela abarca toda essa seção e a seguinte. Logo depois da censura que Jesus faz a Pedro por causa da incompreensão do destino do Filho do Homem, há uma instrução direcionada aos discípulos e à multidão.

A perícope 8,34 – 9,1 expressa a ligação inquebrantável entre Jesus e “os com Jesus”, ou seja, todos aqueles que o seguem. A instrução é firme, clara e exigente. Todos os que se decidirem a segui-lo enfrentarão o destino do Filho do Homem que consiste em passar pela cruz e perder a vida para salvá-la. A condição do seguimento está dada: “Tomar a cruz” vem antes de iniciar o caminho atrás de Jesus. Assim “tomar a cruz” e “renunciar a si mesmo” são as condições básicas daqueles que, decidindo-se a seguir o Messias Jesus, acolhem também seu destino de Filho do Homem padecente. A cruz aparece como elemento inalienável do messianismo de Jesus. A nova comunidade, nova família de Jesus, reconhece-se e se liga pelo destino comum.

## 5.2 A ressurreição: a vida

O que vimos acima não é tudo. Todas as predições da paixão, bem como as instruções dadas após cada incompreensão, apontam para um “depois”, ou seja, insinuem um cenário diferente do esboçado nas predições da paixão. Esse depois não é explorado, mas somente indicado na frase “e depois de três dias ressuscitará” (8,31; apresentando pequenas variações em 9,31; 10,34). A paixão não se dissocia da ressurreição. As afirmações das predições encontram seu eco no relato da ressurreição de Jesus. Marcos não tem um relato da ressurreição, aliás, nenhum dos Evangelhos o tem. Os Evangelhos relatam a experiência da informação aos seguidores de Jesus de que ele ressuscitou. De todos os evangelhos, Marcos é o mais sóbrio e o único que, na sua origem, não contava com narrações de aparições do ressuscitado. As aparições atestadas em Mc 16,9-14 foram escritas com base nos relatos lucanos e/ou mateanos (Lc 24,9-43; Mt 28,9-10; 16-20) e constituem um acréscimo posterior.

Marcos surpreende sempre. A ressurreição ninguém vê com os olhos físicos. Quando as mulheres chegam e “erguem os olhos” a pedra já foi rolada. Ao entrarem, veem um jovem com túnica branca. Aos habituados à leitura da Sagrada Escritura, a identificação do jovem com um anjo do Senhor é automática. As mulheres se encontram numa trama transcendente, mesmo se na aparência tudo é muito normal. O jovem diz: “Vós procurais Jesus o nazareno que foi crucificado. Ele ressuscitou! Não está aqui! Vede o lugar onde o colocaram.” Absolutamente nada de extraordinário, a não ser o impacto de suas palavras e a constatação de que “Ele não está aqui” [no túmulo]. O fato de ver e não ver tem seu sentido. A perícopes está construída sobre a dinâmica do “ver” com os olhos físicos e do “ver” com todo o ser, ou seja, fazer a experiência da ressurreição.

O que acontece com o cego de Betsaida que primeiro vê “os homens como árvores que andam” e depois “vê claramente”, numa cura em duas etapas, e com o cego de Jericó que “vê imediatamente” e segue Jesus, encontram um eco nesse relato. Lá eles precisaram curar a cegueira física para ver Jesus e segui-lo. Aqui os seguidores de Jesus são convidados a superar a cegueira causada pelo sofrimento e pela incredulidade para “ver”, com os olhos da fé, a realidade da ressurreição. Um dado que corrobora essa leitura é o uso dos verbos ligados ao ato de ver. Em Marcos encontramos *blépō*, *oráō*, *theōréō*, além dos modificados por preposições como: *anablépō*, *diablépō* e *emblépō*. Os usos marcanos desses termos são variados, mas há alguns padrões que permitem interpretar uma intenção na escolha dos termos.

O verbo *blépō*, com a partícula *aná*, aparece em Mc 6,41, 7,34, 8,24, 10,51 e 16,4. Essa junção cria o verbo *anablépō*, normalmente traduzido como “erguer os olhos”. Podemos inferir daí uma visão que requer algum esforço. Na multiplicação dos pães e na cura do surdo-gago esse verbo é aplicado a Jesus. Ele ergue os olhos aos céus em oração. Nos outros textos, esse verbo é aplicado aos cegos (Betsaida e Jericó) e às mulheres chegando ao túmulo, respectivamente. Em 16,4 o verbo *anablépō* é acompanhado imediatamente de outro verbo ligado à visão, *theōréō*, este aparece em 3,11; 5,15.38; 12,41; 15,40.47 e 16,4.

É curioso o uso marcano desse verbo, pois quase todos têm alguma relação com a morte. A exceção é o primeiro uso (3,11), referindo-se à visão que os espíritos impuros



têm de Jesus e que os leva à confissão de Jesus como “Filho de Deus”. Essa ocorrência se distancia claramente das demais. No segundo uso, no texto do endemoninhado de Gerasa, a morte não aparece nem como termo nem como fato, mas é aludida na indicação de que o endemoninhado morava nos túmulos e que “dia e noite andava entre os túmulos e feria-se com pedras”. O domínio do espírito impuro o levava para a morte. No segundo e quarto casos, a relação com a morte é clara e direta: a morte da menina e a do próprio Jesus. No terceiro uso do verbo, a relação com a morte aparece de modo mais frágil, mas ainda está presente.

O termo ocorre ainda na perícopes do “óbulo da viúva” (12,41) no qual Jesus senta e observa (*etheōrei*). A relação com a morte está no fato de que a viúva oferta tudo que tinha para viver. Ele vê o íntimo de seus corações e sabe que a viúva dá sua própria vida. O último uso aparece na ressurreição que é, como no relato da ressurreição da filha de Jairo, a vitória sobre a morte. Essa visão se dá dentro do túmulo onde Jesus fora colocado antes. Essa relação com a morte e o sentido que podemos perceber daí é corroborado pela análise das acepções desse verbo. Segundo Michaelis, *theōréō* tem o sentido original de “observar algo”, como um espectador e que, em João, há uma transferência da acepção original para a de “experimentar”, “conhecer”. O autor traz como exemplo desse tipo de transferência Jo 8,51 *thánaton ou mē theōrēsē*. Note-se que há uma relação entre “ver-experimentar” e “morte” (MICHAELIS, 1975, p. 315-382). Assim, infere-se que *theōréō* é o termo privilegiado por Marcos para falar de uma visão que vai além da pura percepção física e chega ao dado transcendente de uma vida que vence a morte.

Para bem entendermos a questão da ressurreição em Marcos, devemos voltar ao início, à demonstração da aproximação do reino de Deus com poder na pessoa de Jesus e as consequências dela decorrentes. A expressão fundamental dessa aproximação é o exorcismo. Nesse sentido, ajuda-nos a exposição de Malbon (2009, p. 43) sobre os conflitos no plano transcendente. Assim, a ressurreição também deve ser lida nesse pano de fundo transcendente. Ela é a expressão máxima e última da vitória do reino de Deus sobre o reino de Satã. Ao longo de toda a narrativa, as ações e as palavras de Jesus exemplificam as ações em favor da vida desejadas pelo Deus da vida, o Deus e pai de Jesus. As ações demoníacas e as injustiças humanas



expressam a lógica de morte do reino de Satã. Portanto, torna-se um convite ao ouvinte/leitor a ver [experimental] a vida “do” e “no” Ressuscitado. Resumindo: ação portentosa, sofrimento e morte de cruz e ressurreição são os elementos constituintes do messianismo de Jesus, o enviado último de Deus e são também, em certa medida, extensivos aos seus seguidores.

## 6 CONCLUSÃO

Ler atentamente o texto de Marcos tendo como ponto de partida a estratégia narrativa do autor para apresentar seu personagem principal, possibilita perceber as conexões existentes em todo o texto e se pode notar a progressão da apresentação de Jesus, primeiramente como profeta taumaturgo ao modo de Eliseu e, posteriormente, como profeta poderoso na condição de Filho do Homem-Servo Sofredor. No primeiro modelo profético, ao modo de Eliseu, os relatos de milagres têm um papel muito importante, porque são essas ações portentosas que aproximam Jesus do taumaturgo Eliseu, servindo como elemento de reconhecimento da autoridade profética de Jesus, mesmo se Jesus supera o “modelo” pela intensificação dos atos portentosos. Entretanto, os atos portentosos de Jesus não são o único elemento importante no reconhecimento de sua autoridade. Ainda que ocupe um amplo espaço no texto, sua importância deve ser partilhada com outros elementos, tais como a cruz e a ressurreição, o tema próprio do ensinamento de Jesus a partir da confissão de Pedro. A apresentação de Jesus, na condição de Filho do Homem e Servo Sofredor, segundo modelo profético, é feita de modo gradual.

O Evangelho segundo Marcos se delineia como uma síntese da grande tradição profética, ou mais especificamente, como seu termo. Ao retomar as figuras proféticas sintetizadas, de certo modo, em Eliseu, o autor retoma a tradição profética primitiva na qual o profeta era um enviado de Deus com habilidades taumatúrgicas, além da profecia oracular. Ao tomar a releitura do Filho do Homem-Servo Padecente isaiano-daniélico evoca a tradição profética literária. Mas, o recurso a intertextualidade vai além das figuras e eventos conhecidos no Antigo Testamento e alcança o estilo narrativo, revelando uma proximidade de Marcos com a narrativa Elias-Eliseu na

estratégia usada para sustentar a atuação portentosa de Jesus na grande tradição profética popular.

## REFERENCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1995.

ALAND, Kurt; BLACK, Matthew; MARTINI, Carlo M. (Ed.). The Greek New Testament. 3 ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1983.

BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João*: comentário. São Paulo: Loyola, 2016.

BONNEAU, Guy. *Stratégies rédactionnelles et fonctions communautaires de l'Évangile de Marc*. Paris: J. Gabalda et Compagnie, 2001. (Études bibliques, Nouvelle série, 44).

KNOHL, Israel. *El Mesías antes de Jesús*: el siervo sufriente de los manuscritos del Mar Muerto. Madrid: Trotta, 2004.

MALBON, Elizabeth Struthers. *Mark's Jesus*: characterization as narrative Christology. Waco, Tex: Baylor University Press, 2009.